

Favelas agravam risco de morte e de doença infecciosa

RIO — Maria da Glória Teixeira, 50 anos, mora em um barraco de 10 metros quadrados, de um único cômodo, em companhia de sete dos seus dezoito filhos. Quatro já morreram. Outro, Armindo, 9 anos, sofre de paralisia cerebral e há oito anos permanece imóvel em um berço. Os outros seis filhos, com idades entre 5 anos e 16 anos, são responsáveis pelo "sustento" da casa — não mais que Cr\$ 400 mil ou Cr\$ 500 mil por mês. A família faz parte dos 50 milhões de brasileiros que hoje vivem em situação de miséria absoluta em um milhão de favelas catalogadas pelo IBGE.

O barraco de Maria fica na Favela Rio das Pedras, em Jacarepaguá, a 15 minutos dos condomínios luxuosos da Barra da Tijuca — onde vive parte dos 3% da população brasileira com renda acima de 20 salários mínimos (Cr\$ 34,18 milhões).

Quando chove, o esgoto a céu aberto em frente à porta transborda e cobre o encanamento que conduz água à única bica do barraco. As juntas mal vedadas dos canos expõem a família a parasitoses intestinais, como amebíase, giardíase e lombrigas, além de cólera, hepatite e poliomielite. A água estagnada facilita a proliferação de mosquitos transmissores de dengue, febre amarela e malária.

Conforme a intensidade da chuva, o esgoto cobre o assoalho do barraco, onde circulam ratos e toda a sorte de insetos. Em uma semana, dois filhos de Maria foram mordidos por ratas. As crianças não são vacinadas. Eles comem, dormem e convivem em um grau de excessiva proximidade, o que aumenta os riscos de doenças como meningites e tuberculosas.

Maria da Glória não sabe explicar o que aconteceu com Armindo. O garoto fica permanentemente deitado no berço em posição fetal e nem sequer enxerga. Sua pele é saudável e os cabelos, brilhantes — o que demonstra um cuidado surpreendente por parte da mãe. Os especialistas acreditam que Armindo sofreu uma grave lesão cerebral ao ser operado quando tinha apenas poucos meses de vida. (R.P.-C.O.)